

Rondônia tem bancada polêmica no Congresso

Congresso coleciona exemplos de desinteresse por missão oficial e despreparo pessoal

JOÃO DOMINGOS

BRASÍLIA — É grande a correria de parlamentares em busca de uma vaga para viajar este mês à China, apesar de terem de desembolsar US\$ 5 mil (cerca de Crs 1,6 milhão, pelo câmbio turismo) para o pagamento da passagem. O convite foi feito pelo Congresso chinês, que, ao contrário do que sempre ocorre nas viagens ao Exterior, não vai bancar as passagens, mas apenas a estadia dos parlamentares brasileiros. "Os novos deputados — 63% da Câmara — descobriram que, se não lutarem para viajar, apenas um seletor e antigo grupo gozará desse tipo de turismo", diz um deputado ao explicar o corre-corre atrás das vagas.

As últimas turmas que saíram para os Estados Unidos e Coreia incluíram pouquíssimos parlamentares novatos. Enquanto os antigos, que conhecem os esquemas para assegurar a vaga, partem para férias internacionais, os novos ficam no Congresso discutindo medidas provisórias e projetos de lei.

Em geral, as excursões são pagas pela União Interparlamentar, entidade internacional atualmente presidida pelo senador Humberto Lucena (PMDB-PB), um dos campeões em viagens. Cada deputado ou senador contribui mensalmente com a caixinha da União Interparlamentar e, assim, candidata-se a um dia ser contemplado com uma viagem. Em alguns casos, o próprio Congresso banca os custos. Os presidentes do Senado, Mauro Benevides (PMDB-CE), e da Câmara, ÍbSEN Pinheiro (PMDB-RS), estão atualmente em Lisboa, participando de um encontro de presidentes do Poder Legislativo por conta do Congresso.

As viagens de parlamentares quase sempre são justificadas por algum congresso, visita oficial ou reunião da Organização das Nações Unidas (ONU). Muitas vezes, entretanto, o parlamentar deixa de cumprir o roteiro programado e passa o tempo se divertindo na Europa ou nos Esta-



André Dusek/AE—6/2/91

ÍbSEN e Benevides: em Lisboa com despesa paga pelo Congresso

dos Unidos. Em meados dos anos 80, por exemplo, o senador biônico Amaral Furlan (PDS-SP) fazia parte de uma comitiva que foi à Arábia Saudita. Como não visse atrativos na vida noturna daquele país, resolveu ficar em Paris e desfrutar os prazeres da capital francesa.

Há casos de políticos que, para não perder a viagem, recusam encargos importantes. O senador Hugo Napoleão (PFL-PI) deixou de ser relator do Plano Collor 2 para fazer um passeio à Europa, no início de março.

ANEDOTÁRIO

Histórias hilariantes compõem um verdadeiro anedotário sobre as visitas de deputados e senadores ao Exterior. Quando era deputado federal, o coronel Erasmo Dias foi incluído na primeira missão oficial de parlamentares brasileiros à União Soviética depois de 1964. Era inverno em Moscou, e ele teve problemas com seus sapatos de solados de couro. Escorregava muito e quase não conseguia andar pelas ruas cobertas de neve. Inflexível em seu anticomunismo, recusou-se a comprar calçados soviéticos, alegando que não fazia nenhum tipo de negócio com comunistas.

Há dois meses, um grupo de 10 parlamentares brasileiros que foi aos Estados Unidos

acabou se transformando em 11. É que a deputada Marilu Guimarães (PTB-MS) levou o marido José Chadid e pediu ao Senado norte-americano que o incorporasse à comitiva. Como Chadid era um dos primeiros a chegar em todos os eventos, e os americanos só haviam se organizado para recepcionar dez parlamentares, sempre sobrava um deputado sem microfone ou sem cadeira. No final da viagem, Chadid já tinha praticamente ganho um mandato. Quando a Assembleia da Califórnia resolveu homenagear os brasileiros, ele foi apresentado como deputado.

Durante a Constituinte, uma delegação brasileira foi a Cuba conhecer os métodos empregados para o controle da natalidade. O médico Agnelo Alves, que acompanhava seu irmão, o ex-ministro e deputado Aluizio Alves (PMDB-RN), virou motivo de piada. Ele tentou trocar 100 dólares por 800 pesos cubanos no mercado paralelo (no câmbio oficial a troca era de um por um) e se deu mal. Um garoto pôs uma nota de 10 pesos por cima do pacote e, abaixo dela, mais 79 notas de um peso. Quando foi contar o dinheiro, verificou o prejuízo. Ele ainda tentou esconder o golpe, mas o deputado Sarney Filho (PFL-MA) descobriu e espalhou a história. Agnelo voltou para o Brasil calado.